



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/zona-decontagio/>

## Zona de Contágio: uma ciência da coexistência para o tempo das catástrofes

Alana Moraes [1]

Henrique Z. M. Parra [2]

**RESUMO:** O artigo apresenta algumas questões que constituíram o percurso do *Laboratório Zona de Contágio*, uma experiência coletiva de pesquisa situada na pandemia do Covid-19 no Brasil, entre março e dezembro de 2020. O texto percorre discussões conceituais sobre o próprio fazer científico do laboratório e lança algumas hipóteses para pensar uma ciência da coexistência em *tempos de catástrofes*. A Zona de Contágio surge da urgência de refletir, da perspectiva de corpos em regime de confinamento doméstico, como poderíamos rastrear a paisagem produzida pelo acontecimento pandêmico: um evento que conecta de forma interescalar e imediata nossos corpos aos circuitos planetários de patógenos, mas também às formas desiguais e neocoloniais de distribuição do risco. Refletimos sobre a coexistência como fazer ontoepistemológico, experimentações de outros modos de conhecer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comum. Pandemia. Experimentação. Catástrofe. Coexistência. Laboratório.

---

*Contagion Zone: a science of coexistence for the time of catastrophes*

**ABSTRACT:** The article presents some questions that constituted the course of the *Contagion Zone Laboratory*, a collective and situated research experience in the Brazilian Covid-19 Pandemia, between March and December 2020. The text goes through conceptual discussions about the laboratory's own scientific work and launches some hypotheses to think about a science of coexistence in times of catastrophes. The Contagion Zone arises from the urgency to reflect, from the body's perspective in a domestic confinement regime, how we could track the landscape produced by the pandemic event: an event that connects our bodies in an inter-scale and immediate way to the planetary circuits of pathogens, but also to the unequal and neocolonial forms of risk distribution. We reflected on the coexistence as an ontoepistemological experimentation of others modes of knowing.

**KEYWORDS:** Common. Pandemia. Experimentation. Catastrophe. Coexistence. Laboratory.

---



## Uma ciência da coexistência para o tempo das catástrofes

No fim de 2008, Isabelle Stengers lança um pequeno livro manifesto cujo título prenunciava os tremores da década por vir: "*No tempo das catástrofes*" (2015). Naquele momento, o mundo atravessava mais uma crise financeira e a catástrofe predatória do capitalismo financeirizado revelava ao mundo como as dinâmicas financeiras atuam como um "predador liberado de qualquer obrigação" (Stengers, 2015, p.8). Em meio à turbulência planetária, o aumento escandaloso da desigualdade, e as abundantes evidências das alterações climáticas, Stengers não deixou de prenciar que, mesmo diante da "crise" e suas "verdades inconvenientes", as forças que organizam o extrativismo permanente não poupariam esforços para neutralizar o acontecimento e retomar os esforços de mobilização para a reconstrução e do crescimento. Também Naomi Klein vem falando sobre a ideia de um "capitalismo do desastre" para compreender as ofensivas que reconfiguram radicalmente nosso mundo depois de eventos críticos. Contando com um tecido democrático corroído, as crises abrem um momento elástico para que as forças dominantes apresentem "o desejo declarado por uma pureza intangível, por um espaço vazio onde construir uma sociedade-modelo constantemente reelaborada" (Klein, 2008: 30).

Pouco mais de uma década depois da crise de 2008, a pandemia provocada pelo vírus Sars-CoV-2 lançaria o planeta e seus viventes em mais uma suspensão geo-histórica. Desta vez, as evidências mais intangíveis da mudança climática, como a taxa crescente de CO<sub>2</sub> ou a acidificação dos oceanos puderam ser substituídas pela experiência coletiva tangível e avassaladora da falta de ar. O problema da relação do humano com o mundo vivo deixa de ser um assunto de "ambientalistas catastrofistas" para se instalar agora nos baixos níveis de oxigenação do sangue e no pesadelo da asfixia, aliás, já experimentado há muito tempo por outras espécies e uma parcela significativa de humanos. Por outro lado, a reivindicação humana ambiental-paternalista impressa muitas vezes na ideia de "proteger a natureza" é finalmente deslocada pela constatação de que o que está em jogo mesmo é a sobrevivência do humano como espécie.

No entanto, uma vez mais, as forças operadoras da extração atuam para fazer do acontecimento



um evento acidental, um pequeno desvio no curso irrefreável do capitalismo. Esse é um problema conhecido de inúmeras populações ribeirinhas, indígenas, quilombolas e toda gente que vive com a terra quando são atingidos pela inundação de suas casas, pela contaminação ou morte dos rios e por muitas outras formas de toxicidade. Nos parece que uma das questões políticas e epistemológicas que se impõe é sobre como fazer da catástrofe a evidência de um conjunto intencional e previsto pelas forças de extração (do Comum, do trabalho, da vida, da terra, dos bens coletivo) operadas pelo agronegócio, agropecuária, pela mineração e pelos “projetos de desenvolvimento”, das quais, muitas vezes, o “interesse nacional no progresso” e a “inovação científica e tecnológica” são cúmplices? E como fazer da evidência do colapso, muitas vezes apenas reconhecida na relação com outras espécies – corais, pássaros, insetos, peixes, plantas - um fato capaz de alterar os rumos das decisões políticas e mesmo do que se entende como “política” e seus partícipes? Dito de outra forma, a criação dessa evidência vem nos exigindo uma ação de invenção de novas composições de mundos, simultaneamente ontológica, epistêmica e política. No coração do *plantationoceno*, o Brasil experimenta com a pandemia uma das mais radicais experiências de autoritarismo neocolonial no mundo. A associação entre o excepcionalismo humano e a radicalização do neoliberalismo concorrencial e sacrificial faz emergir com mais nitidez os contornos de uma conflitualidade cujo antagonismo localiza-se em torno do vivo – do que é a vida, de como ela é produzida a partir das relações outras que humanas, das forças que convertem a vida em recurso e de outras que fazem perseverar a variedade e a colaboração pela diferença, não pelas totalidades que sugerem, por exemplo, a ideia de sujeito. Avalanche da catástrofe nos obriga a pensar e criar pela precariedade que nos ameaça mas que também nos constitui.

Pensar por meio da precariedade transforma a análise social. Um mundo precário é um mundo sem teleologia. Indeterminação, a natureza não planejada do tempo, é assustadora, mas pensar por meio da precariedade torna evidente que a indeterminação também torna possível a vida (Tsing, 2015, p.20 – tradução nossa).

Isabelle Stengers (2002) insiste que, seja quando falamos da ciência ou da sociedade, o progresso é a imagem definidora: “aquela que permite estruturar a história, separar o essencial do anedótico, fazer se comunicarem narrativa e significado” (Stengers, 2002, p.182). Assim, o



“progresso” é o que define e autoriza o que merece ser conservado ou aquilo que deve ser relegado; o progresso autoriza simplificar os relatos e faz a triagem das “histórias que importam” ou das evidências que podem ser convertidas em “fatos científicos relevantes”. A governamentalidade neoliberal tornou transparente, pela gestão da crise pandêmica, que a Guerra de Mundos em curso atualiza os imperativos do *progresso* seja pelo tecnosolucionismo que recupera o cientificismo de contornos positivistas [3], seja revigorando as metáforas de guerra (na “guerra contra o vírus”) que trazem com elas a inevitabilidade de vidas perdidas ou a convocação de sacrifícios desigualmente distribuídos, a mobilização por um “bem maior”. Um regime que opera pela distribuição desigual e racialmente marcada do “direito à respiração”, conforme a imagem precisa de Mbembe (2020). Uma experiência desse tipo tem a força de embaralhar as cartas conceituais distribuídas pelos modernos e nos faz repensar, coletivamente, sobre as fronteiras tão bem vigiadas entre ciência e política ou natureza e cultura.

O livro de Isabelle Stengers lança a hipótese de uma ciência para os tempos de catástrofe capaz de convocar aqueles que “lutam por um outro mundo” para aprender a fazê-lo existir. Uma ciência da catástrofe não poderá existir, no entanto, sem partir da coexistência multiespécie que torna possível a vida na terra deslocando, dessa forma, a própria ideia de um sujeito do conhecimento que observa o mundo desde uma posição epistemológica protegida pela externalidade. A experiência pandêmica do confinamento fez emergir um conjunto de relações que nos forçam a pensar novos desenhos disciplinares, novos dispositivos de pesquisa e deslocamentos epistemológicos há tanto tempo adiados.

O biólogo evolucionista Rob Wallace (2020) que há anos pesquisa os surtos pandêmicos causados pelos circuitos do agronegócio é incisivo ao diagnosticar os limites das práticas científicas disciplinares e especializadas. A pandemia só pode ser entendida pela coexistência de múltiplas relações, humanas e não humanas, das novas tecnologias de biossegurança da pecuária industrial, passando pelos animais hospedeiros, os trabalhadores do agronegócio e os circuitos financeirizados da terra e das mercadorias biológicas em trânsito global. O monocultivo genético operado pela pecuária industrial é, sobretudo, produzido por um conjunto complexo de tecnologias que atua pela simplificação ecológica, depressão imunológica de animais confinados e



destruição da condição interespecífica da vida - e o faz, em nome do "progresso" pela chantagem que promete agora prover a “alimentação global”. O circuito de interesses que dinamiza os modos de financeirização da terra pelo agronegócio planetário é feito pela decisão política continuamente tomada entre chefes de Estado, corporações e também políticas de financiamento científico – uma decisão que, para prosperar, precisa necessariamente transformar o vivo em recurso fazendo das pandemias uma “externalidade” intrínseca e necessária.

Uma ciência no tempo das catástrofes só poderá ter sucesso na medida em que abrir seus laboratórios e a produção de conhecimento para aqueles que, como chama também Stengers, "não foram convidados para as assembleias modernas" (2015). O fato de que nossas vidas, corpos e saúdes dependam de uma fina teia de interdependência composta por seres visíveis e invisíveis, criaturas e forças que constituem o mundo vivo é um pressuposto de muitas ontologias não modernas. Pensar pela coexistência nos faz partir do “organismo não como uma entidade discreta e pré-programada, mas como um lócus de crescimento e desenvolvimento concreto dentro de um campo contínuo de relações” (Ingold, 2008, p.31). Deslocar a perspectiva privilegiada da agência humana na produção de mundos nos exige também novos desenhos de investigações coletivas, laboratórios implicados em práticas de cuidado com a coletividade emergente e com a produção de outras evidências. "A evidência não é, desde logo, uma questão de lógica, de raciocínio. É do domínio do sensível, do domínio dos mundos" (Comitê Invisível, 2020, s/p). A produção de conhecimento e os laboratórios tornam-se, cada vez mais, campos de batalha epistêmica, política e também sensível podendo também possibilitar a experimentação de alianças multiespécies como prática de conhecimento e condição política da existência.

Donna Haraway (2019) afirma que muitos sistemas que a biologia imaginava autopoieticos são, na realidade, simpoieticos. Se os sistemas autopoieticos dependem de unidades autônomas autoproduzidas, os sistemas simpoieticos são produzidos de maneira relacional, em interações, sustentados pela capacidade de criar e fazer com outros. Para além dos "entes" - "indivíduo", "sociedade" ou "sujeitos", o que mais importaria para a vida são os "entres". Estar vivo, segue Donna Haraway (2019), é um trabalho de “criaturas mortais entrelaçadas em inúmeras configurações inacabadas de lugares, tempos, assuntos, significados”; A vida seria uma



composição de fios misturados como atestam os microbiomas que habitam nossos corpos em milhões de microrganismos e sem os quais não poderíamos viver. Mesmo “saber e pensar”, como nota Bella Casa “são inconcebíveis sem uma multiplicidade de relações que também tornam possíveis os mundos com os quais pensamos” (Bellacasa, 2012, p.198). Puig de la Bellacasa afirma a pertinência de pensarmos as práticas de cuidado, não como uma questão “normativa-moralista” e para além de um estado ético-afetivo. Cuidar “envolve o engajamento material nos trabalhos para sustentar mundos interdependentes, trabalhos geralmente associados à exploração e dominação” (Bellacasa, 2012, p.198).

Nesse ensaio, pretendemos descrever alguns aspectos do processo de pesquisa que conduzimos de março a dezembro de 2020. Diante da catástrofe pandêmica, experimentamos o que seria um laboratório emergente do Comum implicado em práticas de cuidado, coexistências e tecnologias da relação que tornam possíveis outras cocriações em tempos de catástrofe, fazendo reverberar “uma arte da atenção imanente, uma arte empírica que investiga o que é bom ou nocivo – uma arte que o nosso apego à verdade muitas vezes nos faz desprezar, entendendo-a como superstição” (Stengers, 2017, p.12). O capitalismo de catástrofe, lembra Stengers, tem menos a ver com a “exploração da força de trabalho”, mas intensifica os modos pelos quais se apropria do que é o Comum - aquilo que só pode ser produzido pela relação entre humanos mas também entre humanos e outras espécies, outros que humanos, da variedade da vida em ambientes de simbioses, passando pelas formas de produção de conhecimento, comunicação, o ar que respiramos, a terra e seus nutrientes; formas de vida que, pela criação e defesa do Comum em mundos interdependentes agem pela produção de saúdes mais do que pela disseminação de doenças e que seguem, por isso, tumultuando os regimes proprietários que hoje sustentam o funcionamento das Big Farm e das Big Pharma.

Raquel Gutiérrez, Mina Trujillo e Lucia Linsalata (2016: 2) também discutem outras imagens do *político* a partir da criação e sustentação do *Comum*: uma *politicidade* que se faz por uma “multiplicidade de relações de interdependência entre os membros das comunidades humanas e entre comunidades do mundo humano e não humano”. Com Lugones (2014: 4) nos pareceu importante pensar o Laboratório do Comum como Zona de Contágio a partir da afirmação de uma



política do conhecimento como “proliferação relacional subjetiva/intersubjetiva de libertação, tanto adaptativa e criativamente opositiva”. Uma ciência das coexistências nos afasta assim de um modelo epistemológico que “presume a prioridade do agente em relação ao ato” (Butler, 2003:212), e nos faz investigar práticas de conhecimento que não estão contidas em nenhum predicado de um corpo, mas no “irreduzível acontecimento de seu ser-em-situação” (Tiqqun, 2019:18).

### **Habitar a catástrofe: ativação do dispositivo Laboratório do Comum**

Nós, que pensamos em “ideologia”, somos vulneráveis. Nós não possuímos os saberes pertinentes para identificar e compreender os dispositivos de captura e de produção de impotência. Ora, lá onde se pensa que os feiticeiros existem, aprende-se a reconhecê-los, a diagnosticar seus procedimentos, a se proteger deles, e ainda a contra-atacar” (Stengers, 2015).

Na segunda quinzena de março de 2020, no Brasil, deparamo-nos com a urgência pandêmica provocada pelo vírus Sars-CoV-2, o *coronavírus*. As notícias que chegavam dos países inicialmente afetados e que vivenciavam com algumas semanas de antecedência os impactos do coronavírus, produziam imagens de um futuro incerto. Sabia-se com antecedência a gravidade da situação e o que as autoridades estatais, os sistemas de saúde e a população poderiam fazer para minimizar o impacto inicial da pandemia. Ainda assim, não tínhamos ideia do que estaria porvir, especialmente no caso brasileiro: Como seríamos atravessados por este acontecimento? Como seria viver uma pandemia em um país que hoje é um dos laboratórios do autoritarismo neocolonial no mundo? O que ela poderia provocar nas configurações do poder em termos do governo da vida? Por quanto tempo estaríamos mergulhados em rotinas de isolamento doméstico e protocolos de biossegurança? Como o governo federal, responsável pela precarização do sistema público de saúde e pela corrosão de infraestruturas coletivas, reconhecidamente promotor do agravamento da crise sanitária, iria atuar?

Na mesma velocidade em que o vírus se espalhava pelos diferentes países, produzia-se uma



pletora editorial, com diversas enunciações teóricas, explicativas e especulativas sobre as causas e os possíveis efeitos sociais e políticos da pandemia. Por vezes, o vírus aparecia como a pílula desmistificadora que iria revelar os limites ambientais do modo de produção capitalista promovendo uma espécie de “consciência planetária” em direção a mudanças necessárias e mais radicais em nossas sociedades; noutras, a presença do vírus e as formas de enfrentamento da pandemia seriam intensificadoras das formas de exploração, controle e de dominação já em curso. Vírus e humanos apareciam como entidades bem diferenciadas, mas, logo, a ação política humana modificava o processo de mutação do vírus, produzindo novas formas de contágio e respostas imunológicas. Nas diferentes abordagens as apostas eram altas. Diante dessa multiplicidade veloz de reflexões *sobre* a pandemia, desejávamos produzir outras sensibilidades e pensamentos *com* a pandemia.

A intrusão viral coloca-nos diante da constatação de que nossos modos de vida e os regimes dominantes de produção de conhecimento científico são parte do problema que produz a pandemia: o extrativismo neocolonial e a excepcionalismo epistêmico antropocêntrico e racializado são hoje partes constitutivas dos modos de funcionamento da grande ciência e dos desenhos tecnológicos. Em seu livro "Pandemia e Agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência", Rob Wallace (2020) mostra, entre outras coisas, como muitas universidades já atuam em colaboração com projetos de inovação tecnológica junto ao agronegócio, incluindo a compra de terras cultiváveis na África. Mas para além das colaborações financeiras, o biólogo chama atenção para outra armadilha na produção contemporânea do conhecimento que tem a ver com as dinâmicas de especialização. Os especialistas são acionados quando algum problema vem à tona e cabe a eles, junto às instituições governamentais, a decisão sobre o que fazer. O que se perde nessa economia da especialização e do tecno-solucionismo é a possibilidade da produção de conhecimento não apenas "responder" aos problemas e aos poderes que decidem sobre nossas vidas (na maior parte das vezes produtores dos próprios problemas), mas suscitar outros problemas e alianças ou mesmo produzir objeções às decisões que, a despeito de conduzir nossas vidas em muitas dimensões, são fabricadas em circuitos de opacidade.

Tendo essas questões em mente, imaginamos que uma investigação implicada em habitar o





acontecimento Covid-19 poderia promover a proliferação de zonas de contágio entre diferentes disciplinas e saberes, reconhecendo a coexistência de diferentes formas de vida e o entrelaçamento multiagencial (humanos, não-humanos, multiespécies) na fabricação simpoética de diferentes mundos, corpos e lugares. Também inspirados pelo pensamento de Denise Ferreira da Silva (2019) e suas reflexões sobre a *Negridade*, não nos parece mais possível pensar a prática do conhecimento sem ter em conta "a implicabilidade profunda que prevalece na existência, ou seja, matéria imageada como contingência e possibilidade em vez de necessidade e determinabilidade" (Ferreira da Silva, 2019, p.114).

Evidentemente a ideia de uma "zona contágio" como prática de conhecimento assumiria o risco de acionar uma palavra que, em tempos pandêmicos, é associada a uma experiência crítica da doença. No entanto, a noção de contágio há muito tempo aparece na filosofia como imagem promissora para aquelas relações que escapam das imagens de controle do sujeito ou da agência humana - uma situação de contágio nos obriga a pensar pelos regimes de afecções entre criaturas e nos faz considerar elementos que não são imediatamente visíveis, ela "carrega partículas de mundos diversos e os espalha a seu bel prazer, misturando domínios e embaralhando os gêneros, espécies, linhagens e hereditariedades" (Pelbart, 2015, s/p). O contágio também nos apresenta uma outra imagem para a "natureza", como já sugeriam Deleuze e Guattari:

o contágio, a epidemia coloca em jogo termos inteiramente heterogêneos: por exemplo, um homem, um animal e uma bactéria, um vírus, uma molécula, um microorganismo. Ou, como para a trufa, uma árvore, uma mosca e um porco. Combinações que não são genéticas nem estruturais, inter-reinos, participações contra a natureza, mas a Natureza só procede assim, contra si mesma. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 22-3)

Uma zona de contágio seria, portanto, contra-disciplinar e parte do reconhecimento da vulnerabilidade, heterogeneidade e inconstância dos corpos que a constitui, mas também da instabilidade do próprio fazer científico. Em uma zona de contágio não existe um privilégio epistemológico que garanta uma visão total do acontecimento, mas o conhecimento da situação acontece pela disponibilidade de composição entre criaturas e pela atuação em uma teia delicada



de interdependência. “O que há em nossa maneira de perceber que nos faz não enxergar as interdependências delicadas em um sistema ecológico, que dão a ele sua integridade? Nós não as vemos, e, por esse motivo, nós as quebramos”, lembra Bateson [4].

O laboratório Zona de Contágio lançava então a hipótese de uma ciência do contato e do risco, feita por corpos sensores implicados e afetados pela iminência febril. Sobretudo, nos parecia urgente refletir sobre como corpos em regime de confinamento doméstico poderiam rastrear a nova paisagem de escala produzida pelo acontecimento pandêmico: um evento que conecta de forma imediata nossos corpos aos circuitos planetários de patógenos, mas também às formas desiguais e neocoloniais de distribuição do risco. O confinamento, em diferentes regimes de poder, é o que conjuga as forças globais de "segurança" na regulação da política carcerária racializada ao redor do mundo, dos animais que tornam-se mercadorias biológicas para o agronegócio e a indústria de alimentos, nos inúmeros campos de refugiados, nas periferias militarizadas, nos corpos feminilizados que precisam sustentar a vida coletiva nos circuitos domésticos nos quais intimidade e poder, muitas vezes, produzem cotidianos de sofrimento, violência e adoecimento.

Nosso grupo de pesquisa havia programado um conjunto de atividades para o primeiro semestre de 2020, dando continuidade às experimentações desenvolvidas no âmbito do “*Laboratório do Comum Campos Elíseos: tecnopolíticas do fazer-bairro*”, realizado em 2019 (Moraes & Parra, 2020). Diante da catástrofe que se anunciava e face à impossibilidade de seguir praticando as atividades presenciais previamente planejadas no território onde se situa a difamada “*cracolândia*”, decidimos rapidamente que era necessário instalar uma outra prática investigativa. A pandemia também revelava de forma inequívoca os limites da vida metropolitana e as infraestruturas que conduzem nossas vidas em territórios cujos dispositivos atuam pela circulação de valor e pelas dinâmicas de apropriação/especulação sobre formas de trocas e solidariedade que fazem um território a partir das relações que os constituem. Durante da pandemia, o território conhecido como “*cracolândia*” seguia sendo duramente reprimido ainda que suas práticas de interdependência mostravam-se como a única infraestrutura coletiva de cuidado do qual podia contar grande parte das pessoas que por ali se vinculam.



Ainda no final de março lançamos uma convocatória aberta, interpelados pela urgência do que estávamos experienciando e desejosos de promover um experimento de pesquisa que fosse também expressão de uma ciência da coexistência, disparadora de uma comunidade transitória capaz de inventar formas coletivas de estar junto, pensar, se afetar e ativar uma inteligência coletiva intra-pandêmica; uma convocação para uma possível prática ontoepistêmica produtora de mundos. Em nossa convocatória dizíamos:

A Zona de Contágio é um laboratório situado, prática coletiva de uma ciência do contato implicada em habitar a pandemia COVID-19 como um acontecimento: “um acontecimento está no interior da existência e das estratégias que o perpassam”. Ele surge como uma plataforma de convergência entre pesquisadorxs-ativistas cujo trabalho de investigação viu-se forçado a pensar com a intrusão viral. Uma encruzilhada.[...]

[...] Estamos na encruzilhada Hobbes x Espinosa; o Estado e a hipótese do Comum! O momento em que desejamos que o Estado tome medidas de exceção de controle populacional em nome da segurança sanitária, é o momento em que renunciamos à nossa potência de cuidado da saúde coletiva. Seremos capazes de construir alternativas com nossa inteligência coletiva? Como ativar o Comum, a potência de produção da saúde entre todos, promovendo vínculos solidários de cuidado coletivo? Como infraestruturar as estratégias, dispositivos, tecnologias, diferenças, práticas e conhecimentos que possam dar lugar a essas formas de vida?

A natureza do poder se modificou de tal forma que hoje confunde-se com a própria vida. Está na paisagem da cidade e suas infraestruturas, nas centenas de dispositivos que conduzem nossa atenção, localização, nas catracas, na produção dos desejos e das frustrações; nas centenas de outros dispositivos que nos conduzem à novas formas de desempenho; novas formas de concorrência.

Os arranjos sociotécnicos ao mesmo tempo vigiam e controlam toda possibilidade de fuga com outros inúmeros dispositivos de neutralização preventiva. À distância, a algoritmização da vida bloqueia qualquer possibilidade de imprevisto, de acontecimento e abertura. O poder se organiza de forma imanente à vida e sua expressão de exterioridade é apenas uma expressão performativa e mais visível dele – ainda que nos pareça mais confortável imaginar que o Poder está lá, sentado em uma cadeira. “Uma perspectiva revolucionária já não tem a ver com a reorganização institucional da sociedade, mas com a configuração técnica dos mundos”. Na metrópole, assinala o Conselho Noturno (2019), o que encaramos não é mais o velho poder que dá ordens, o poder que localiza-



se desde uma exterioridade, mas uma forma de poder que logrou constituir-se como a ordem mesmo desse mundo. “A metrópole é o simulacro territorial efetivo de um mapa sem relação com nenhum território” (Conselho Noturno, 2019).

Diante da crise de presença alimentada por inúmeros dispositivos de produção de corpos neoliberalizados, Zona de Contágio convida ao diálogo praticantes que desejam tensionar as modernas e habituais fronteiras entre ciência e política; entre corpos e pensamento. Assumir nossa debilidade existencial como ponto de partida para pensar os deslocamentos do político. Pensar a nossa crise de presença como condição epocal seria também investigar os diversos dispositivos que a produzem, mas, por outro lado, experimentar como reativar “uma maior atenção ao devir da presença dos entes” no mundo vivo; retomar nossa capacidade de “co-pertencimento e co-produção a cada situação vivida”; encontros. Ciência de contato. Saber qual território habitamos, qual é a terra que pisamos quando falamos “cidade”, quais as relações que a constituem, quais são os saberes desautorizados, os saberes sujeitados, os saberes das lutas que desejamos convocar? Uma ciência objetora de tudo que nos envenenou: produtividade, crescimento, competição, originalidade. Uma ciência de combate que acontece entre corpos e suas diferenças.

Com o acontecimento COVID-19, o Laboratório Zona de Contágio instaura-se como um dispositivo de pesquisa e intervenção na medida em que a produção coletiva de conhecimento sobre as atuais possibilidades de fabricação de uma vida não-fascista torna-se urgente. Se o fortalecimento de governos autoritários já era uma ameaça à vida comum, a intrusão viral potencializa a disseminação de uma cultura imunitária e securitária de contornos fascistas no tecido da própria vida social.

A crise é maior, é total. Ela nos faz pensar muito concretamente sobre que vida estamos vivendo, qual vida queremos viver – o vírus, como intruso, fabrica uma das maiores bifurcações dos nossos tempos: a vida tomada como forma securitizada, protegida, entretida, mobilizada para destruir “inimigos”; mas do outro lado, a vida em seu excesso, como forma erótica de habitar o mundo que não queremos perder; uma vida febril que sabe que a liberdade é também interdependência, risco, confusão, travessias. Exu (fragmento da convocatória publicada em Zona de Contágio, 2020).

### **Coinvestigar e a hipótese do encontro: coreografias de fricções**

Lançamos a convocatória inicial através de um website próprio, uma página no Facebook, um



perfil no Twitter e um canal no aplicativo Telegram. O texto dirigia-se amplamente a pesquisadores com interesse em iniciar um percurso coletivo e indeterminado de coinvestigação, partindo de algumas questões e hipóteses e de um posicionamento ético-estético (um modo de fazer). Nosso primeiro movimento foi elaborar um conjunto de perguntas relacionadas às mutações e intensificações cotidianas provocadas pela pandemia, de maneira a tornar sensível e tangível as relações de força instituídas, mas também as invenções e resistências que tornam a vida possível, assim como a prática da pesquisa.

No percurso, formamos um grupo bastante heterogêneo de investigadores. A Zona de Contágio, que abria-se como uma comunidade transitória sustentada no tempo dos encontros remotos e dos seus interstícios, foi composta por sociólogos, antropólogos, filósofos, músicos, artistas plásticos/visuais, urbanistas, investigadores da dança, das mudanças climáticas e da neurociência. Tal heterogeneidade nos possibilitou um espaço de pensamento resistente à disciplinarização do conhecimento. O que poderia ser lido como um espaço pouco "rigoroso" do ponto de vista das dinâmicas de especialização, tornava-se um experimento cuja qualidade se expressava justamente por fazer emergir o que escapa das grelhas disciplinares, outras e surpreendentes coreografias improvisadas.

Assim, um tema crucial para a compreensão do acontecimento pandêmico, como, por exemplo, a *respiração*, adquiria uma trajetória investigativa imprevisível que passava pelas relações metabólicas interespecíficas entre viventes, o ritmo do corpo entre o som e o silêncio nos limites impostos pelas telas dos artefatos tecnológicos, a evidência da distribuição racialmente marcada do direito à respiração passando também pela dimensão respiratória da subjetivação capitalista que em muitas vezes se expressa no sintoma cada vez mais comum da ansiedade entre corpos precários submetidos a imperativos alucinantes de produtividade. A experiência de crises de ansiedade também é marcada pela hiperventilação e sensação de asfixia.

Com trajetórias e percursos profissionais bastante diferentes, quase todos possuíam, entretanto, uma relação com a sala de aula: seja como alunos ou como professores, em espaços formais ou não formais de educação, em escolas ou universidades, mas também espaços de produção artística e cultural. Compartilhávamos a experiência do esgotamento do ensino remoto e as novas



questões impostas pela plataformização do ensino. Reconhecíamos coletivamente os limites de muitos desses espaços para responder à crise total que habitamos hoje. As universidades e escolas, ordenadas por uma arquitetura institucional comprometida com sistemas de avaliação, metas de produtividade e controle pareciam encerrar muito rapidamente qualquer brecha de criação ou experimentação.

A partir da convocatória inicial e da abertura de um canal de intervenções no site, recebemos textos, fotografias, áudios, vídeos, a partir dos quais começamos a tramar um fio investigativo que pudéssemos rastrear: os fios do *provável* que já apontavam para a reorganização dos poderes tecnototalitários e dos dispositivos reordenadores da vida que conjugavam o trabalho pago com o trabalho não pago, a intensificação da precariedade; mas também os fios do *possível* que ensaiavam formas de cooperação, novos acordos coletivos, a luta contra as normalizações das mortes e as muitas formas de recusa à chantagem da autosuficiência empreendedora neoliberal. A Zona de Contágio formulava um pouco, a cada encontro, o que seria uma ciência da coexistência atuando pela experimentação e a invenção de uma linguagem comum, pelos sentidos que dão passagem a uma experiência singular e coletiva. Construimos no percurso uma cartografia de problemas que perseguia o embaralhamento de escalas e perspectivas: pensar a forma social da monocultura pela domesticidade e o regime de sexo-gênero; refletir sobre e com o confinamento como experiência humana e não-humana; especular sobre o que seria uma *política dos viventes* a partir de alianças multiespécies na guerra contra a simplificação ecológica, sexual e política.

Estávamos interessados, enquanto prática de conhecimento, em desviar o curso do clamor à autoridade médica e científica como forma exclusiva de encerrar rapidamente a *queda do céu* - desejávamos favorecer uma ciência como forma de pensar, cocriar e agir pela interrupção da mobilização total a qual estávamos/estamos submetidos. Mais do que verdades incontestáveis, procurávamos percursos de formas dissidentes, tramas de cocriação que fossem capazes de imaginar outras formas de produção de conhecimento e pesquisa *no tempo das catástrofes*.

As primeiras questões se impuseram: Como iniciar uma conversa que acolhesse diferentes linguagens (escrita, audiovisual, sonora, poética) e saberes disciplinares e extra-disciplinares? Como seguir juntas, mas em condição de isolamento social e interação virtual, alimentando uma



conversação entre pessoas que não se conheciam? Quais percursos de pesquisa se abririam? Diante dos intensos fluxos filosóficos, da saturação metafísica, semiótica, informacional, propusemos uma desaceleração do pensamento; uma respiração diafragmática que nos conduzisse às questões muito simples que poderiam ser respondidas por *qualquer um*. Uma ciência do comum deveria ser objetora ativa de tudo que nos envenenou: produtividade, crescimento, competição, originalidade, os grandes esquemas conceituais, infindáveis revisões bibliográficas. Como a vida na cidade e na casa é percebida e reordenada no interior desse acontecimento? Como vivemos o cotidiano diante da catástrofe? Mais do que "respostas" ou "soluções" - como almeja uma parte significativa do fazer científico hoje - estávamos interessadas em pensar perguntas que suscitem outras perguntas, em ficar um pouco mais com os problemas e os esgotamentos já instalados no corpo.

Desta forma, o laboratório emergente constituía, ao mesmo tempo, um plano de investigação e uma comunidade provisória e precária de investigação. O problema de como retomar a hipótese do encontro a despeito das mediações tecnopolíticas da distância nos parecia uma questão central. Como bem lembrava Donna Haraway, "Explicações de um mundo 'real', assim, não dependem da lógica da 'descoberta', mas de uma relação social de 'conversa' carregada de poder" (1995, p. 37). A Zona de Contágio partia então do problema de como fazer de nossa vulnerabilidade o risco comum de uma dupla condição: uma política da experimentação e uma prática (onto)epistêmica corporificada, situada e que possa retomar nossa inteligência coletiva relacional de viver graças aos outros, de pensar graças aos outros. Alguns fragmentos de criações:

tentávamos adivinhar o futuro  
já víamos a catástrofe anunciada  
b. falou isso:  
o que um dançarino faz quando tudo vai bem?  
ele dança  
e o que um dançarino faz durante uma guerra?  
ele dança  
o que faz o dançarino diante de uma pandemia mortífera?  
ele ainda dança  
e enquanto o mundo acaba o dançarino também dança  
b. e d. são dançarinas



eu sou anfíbia e não sei então o que fazer  
nas últimas semanas visto a lentidão maior  
só sei ser lenta  
lenta e inútil  
não sei pensar nada importante  
fazer nada  
leio pouco e muito devagar

(trecho de relato enviado por Luana Vannucchi no site da Zona de Contágio)

Para os que estão em isolamento, os mecanismos que incidem fortemente para produzir um afeto reativo de ansiedade são aqueles associados à tele-presença e à obrigação de comunicabilidade. Paul Virilio (1994) teorizava a tele-presença como a presença imediata de diferentes espaços – da vida doméstica, da educação, do trabalho, do lazer – uns aos outros. Parte importante da racionalidade neoliberal, na “comunidade pandêmica” a telepresença se centraliza: ‘Na comunidade pandêmica, a vida social, a vida laboral, a vida escolar e a vida política, todas se contraem na vida doméstica antes de explodirem na vida em rede. Tudo o que tinha conseguido escapar fugitivamente à captura digital de redes, lamentavelmente, submete-se e conecta-se’ (Nil Mata Reyes, 2020). Para manter minhas conexões com minha comunidade, corro o risco de estar comunicável com o patrão. Claro, nenhum desses efeitos foi produzido magicamente pelo vírus. A pandemia só agudizou efeitos biopolíticos que já estavam na ordem do dia da racionalidade neoliberal. O isolamento e a alienação do Outro já estavam no cardápio: qual é a forma ontológica da racionalidade neoliberal senão esse sujeito monádico, empreendedor de si mesmo, em competição com todos os outros sujeitos? Reforçado por mecanismos de administração de desempenho, constantemente correndo sem sair do lugar, buscando alcançar metas de desempenho irreais e que requerem sobre-trabalho para vencer na vida. A internalização subjetiva desses mecanismos leva à auto-vigilância e à associação do self com métricas de qualidade. É sobre esse sujeito, agora atomizado, que o distanciamento social irá incidir, ameaçando dissolver o que resta de comunidade. (trecho de relato enviado por Caio Maximino no blog da Zona de Contágio)

Uma ciência das coexistências não pode prosperar sem pensar os dispositivos que favoreçam os encontros - bons encontros ou maus encontros: nossas práticas de conhecimento dependem das relações que as constituem. Para tal desafio, nos foi necessário refletir sobre as disposições que nos conduziam no encontro inter-telas. Em pouco tempo já havíamos internalizado o protocolo de





condutas das reuniões e aulas em videoconferência: fechar as câmeras e microfones, bloquear qualquer tipo de "ruído" que pudesse interromper o ritmo sempre muito controlado das interações e revelar a cena doméstica. Cozinhas, crianças, bagunças, barulhos inesperados converteram-se em cenas de fricção que interrompiam a condução das conversas, constrangiam o quadro fictício de que somos todos integralmente disponíveis para o trabalho. Muitas vezes, os microfones ligados sem imagem alguma tornavam-se a expressão dessa voz sem corpo, sem localização, independente de outras relações, impassível à catástrofe que nos ronda, e no entanto, eficiente.

Na Zona de Contágio experimentamos então a possibilidade de convocar algumas fricções da experiência como parte do próprio percurso investigativo de uma ciência da catástrofe. Esse movimento epistêmico e estético era também político. Ainda nos primeiros meses da pandemia presenciamos a expansão das plataformas corporativas de ensino em escolas e universidades como se não existissem alternativas. Em pouco tempo, os grandes CEOS das corporações de tecnologia e informação - um dos setores que mais cresceram durante a pandemia - tornaram-se também vozes públicas na defesa de que as relações educacionais podem ser muito mais "eficientes" quando inteiramente mediadas pelas plataformas digitais, já que trata-se de produzir e fazer movimentar o "capital humano" - transmitir informações, avaliar, metrificar a aprendizagem e certificar o conhecimento.

A pandemia do Covid-19, como nunca antes, revelou o novo regime da *Edufactory Cibernética*, a redução de formas de conhecimento em "produção e gestão de conteúdo", avaliação e certificação. Nos parecia evidente que o acontecimento covid-19 produzia como uma das suas consequências um experimento de novas técnicas de controle. Resultados, relatórios, multitarefas. Não era mais necessário sair de casa: tudo está disponível na nova paisagem doméstica-produtiva-reprodutiva e de consumo que se tornou o "lar". As novas dinâmicas plataformizadas de ensino revelavam os movimentos do poder que não apenas restringe, constrange, impossibilita, mas atua nos fazendo *funcionar* enquanto o colapso nos espreita ao mesmo tempo em que arrasta para uma vida de indeterminação e risco um contingente enorme de pessoas na economia da descartabilidade transformada de forma oportuna em "serviços



essenciais".

Depois de compartilharmos os impasses, frustrações e cansaços que muitos de nós estávamos vivendo em universidades, escolas, institutos federais do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte do país, diagnosticamos coletivamente a escassez na criação de outros possíveis. Como já mencionamos, o laboratório Zona de Contágio era também um espaço poroso no qual era possível insistir nas perguntas muito simples: O que pode ser uma aula afinal? Quais os sentidos da presença no que se refere à produção de conhecimento e da ciência? Como atualizar os sentidos fortes da experiência e do encontro que atravessam as formas de criação e de produção de conhecimento em mundo de catástrofes? Como podemos inventar tecnicidades que intensifiquem a experiência ao invés de neutralizá-las?

Jorge Larrosa Bondía lembra que a palavra experiência vem do latim *experiri* e remonta ao sentido de provar (experimental). Mas seu radical *periri* também se encontra em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia, *per*, “também aponta para um sentido de travessia, de passagem. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra peiratês, pirata” (Larrosa, 2002, p.25). Tim Ingold, por outros caminhos, nos recorda do sentido original de “educar” como aquilo que “leva pra fora”, como prática de exposição e risco: “Ao invés de se fixar numa posição ou propiciar uma perspectiva, a educação nesse sentido provoca um deslocamento de qualquer ponto de vista – de qualquer posição ou perspectiva que se possa adotar” (Ingold, 2016, p.408).

O sentido forte da experiência - como discutimos intensamente na Zona de Contágio - parecia ser mesmo oposto às dinâmicas algorítmicas ou das plataformas de ensino nas quais o que está em jogo é a previsão/previsibilidade de condutas, a neutralização dos riscos e contingências, a recusa da fricção e do deslocamento - a ideia de "eficiência" possibilitada pelos dispositivos de conexão oferece à prática de produção de conhecimento um lugar estável, extremamente regulado e com pouco ou nenhum espaço para a *experiência*.



Pensando a partir desse problema Marina Guzzo elaborou uma série de práticas de retomada da presença que pudesse favorecer cada encontro na Zona de Contágio - partir do corpo confinado e suas possibilidades de expansão, mas também do cuidado com o espaço que criávamos, uma coreografia do contágio que permitia um espaço para o imprevisto, a coexistência como forma de resistir a separação dos corpos que o confinamento nos impõe. Experimentamos ligar microfones ao mesmo tempo, deixar vazar os ruídos e depois sustentar o difícil silêncio entre nós que, nas videoconferências, são sempre interrompidos rapidamente. Criamos coreografias que fossem capazes de atravessar os limites dos pequenos quadrados que nos cercavam na tela; ligamos e desligamos as câmeras reaparecendo em diferentes posições e enquadramentos, com diferentes objetos, plantas e memórias. Experimentamos ritmos improvisados, nos comovemos:

Entende-se por presença a capacidade movida pelo desejo de se estar simultaneamente no mesmo tempo e espaço em que se está. No presente, com atenção e vontade. A presença virtual ainda é uma novidade tão plana quanto a tela. O encontro com pessoas daí resultante não tem densidade pois, ao serem desligados microfones e câmeras para o bem da conexão possível, os interlocutores perdem os retornos dos sinais que regulam as trocas humanas. Fisionomias, gestos, murmúrios e suspiros precisam ser silenciados para que algum entendimento seja estabelecido. A comunicação será necessariamente precária, mas custa-se a aceitar. (Guzzo, 2020, enviado para o site do Zona de Contágio).

### **Inventar mundos: forma do sensível, o comum, as lutas**

Durantes os percursos investigativos da Zona de Contágio, nos demos conta que talvez a maior fratura que a pandemia tenha contribuído para a anunciar tenha sido a longa guerra de mundos em que estamos metidos há séculos, mas que, nas últimas décadas intensificou-se de tal forma que agora é todo o tecido social, a vida, e as próprias formas de fazer Comum que estão erodindo e sendo expropriadas. Como pergunta Judith Butler: “O que significa agir em conjunto quando as condições de ação conjunta estão destruídas ou entrando em colapso?” (Butler, 2018, p.29).

A própria linguagem, o pensamento e o regime de sensibilidade, constataam a crescente incomunicabilidade diante colonização da lógica conectiva sobre a lógica conjuntiva, como nos ensina Franco “Bifo” Berardi (Berardi, 2017). “Conjunção” é como o filósofo Franco Berardi tem



nomeado uma matriz relacional marcada pela ambiguidade e vibração, pelos jogos de exceder significados estabelecidos e pelo contato entre corpos – o contrário da lógica “conectiva” e sobrecodificadora do capitalismo tecno-financeirizado e algoritmizado no qual os elementos não são alterados pela relação. A conjunção estabelece, portanto, um

ato criativo; ela cria um número infinito de constelações que não seguem a linha de uma ordem pré-concebida e nem se atrelam integrada a nenhum programa [...]. A concatenação conjuntiva é uma fonte de singularidade: se trata de um evento, não de uma estrutura” (Berardi, 2017, p. 19).

No Brasil, a razão imunitária, somada ao paradigma securitário e ao *ethos* do empresariamento de si, atualizam, como nunca antes, as ideias de autosuficiência competitiva e da luta pela "sobrevivência dos mais aptos" produzidas pelo *darwinismo social* de Hebert Spencer em meados do século XIX. Em um certo sentido, Bolsonaro não seria um "negacionista", mas reconhecendo a existência da pandemia, ele escolhe, ativamente, apostar em uma das matrizes fundacionais do liberalismo colonial amparada em uma "visão gladiatorial" da história natural que tratou a "competição" como fator determinante para a seleção natural (Graeber; Grubačić, 2020). Por outro lado, novas alianças entre biólogas feministas, pensadores indígenas, cientistas terranos e artistas vem trabalhando a partir da hipótese já amplamente experimentada de que, em todas as escalas, do desenvolvimento embrionário à complexidade de ecossistemas, a vida não pode ser mais pensada como centrada no organismo e na distinção entre indivíduo e meio. A inteligência adaptativa parece ter muito mais a ver com a qualidade dos laços e sua variedade do que com a concorrência; mais com arranjos multiespecíficos do que com “indivíduos” independentes.

Com a pandemia, constatamos que não nos faltam dados ou evidências sobre muitas questões: da dinâmica do contágio ao uso de máscaras, mas eles já não são capazes de produzir sentidos e experiências compartilhadas de mundo. Falta-nos, portanto, a possibilidade de produção de um Comum (a saúde coletiva como resposta de agenciamentos relacionais e multiespecíficos) capaz de conter a dispersão e mutações virais produzidas, em grande parte, pelo agronegócio amparado em novíssimas biotecnologias de simplificação ecológica e difundido socialmente por atitudes individualizantes contrárias à interdependência da vida e da saúde. Esperar pela vacina como a



única fórmula mágica capaz de conter a catástrofe é talvez a grande vitória da monocultura tecnocientífica corporativa, expressão do consórcio bioinfocapitalista entre Estado e Mercado cujo centro ainda é o controle e o governo da vida.

Este talvez seja um dos possíveis sentidos em que já estejamos vivendo a queda do céu. Nunca habitamos um mesmo mundo. A pandemia acentua e revela toda a força dos dispositivos de controle biopolítico, de extração e governo de vidas privatizadas e confinadas, destruindo o que nos resta de comunidade composta de diferenças e alianças inesperadas. O Laboratório Zona de Contágio faz uma aposta na urgência de experimentarmos a fabricação coletiva de outras formas de vida, a coexistência como “método” ontoepistemológico, pois não se trata de produzir “mais” evidências ou responder um problema, mas sim, inventar outros modos de conhecer sem o privilégio epistemológico colonizador de uma perspectiva que se pretenda universal e exterior às relações que a tornam possível. Significa pensar o laboratório como essa infraestrutura de produção dialógica, um lugar de encontros onde a produção de novas evidências depende da fundação de mundos compartilhados, a possibilidade da vida colaborativa em tempos precários, como vem dizendo Tsing (2015) ou a possibilidade investigativa de pensar o fim do mundo, como fala o pensador quilombola Antônio Bispo:

A nossa avaliação é que, neste exato momento, estamos vivenciando uma das maiores possibilidades de um fim desse mundo eurocristão, monoteísta, colonialista e sintético. Esse mundo está chegando ao fim. Não é à toa que estamos vivendo esse desespero, essa grande confusão. Mas, por incrível que pareça, estamos vivendo também uma nova confluência (Bispo dos Santos, 2018).

Durante os nove meses dessa investigação companheira, tecemos caminhos, percorremos juntas a possibilidade de retomarmos um corpo comum, *algo ritmo* nos interstícios do regime de verdade algorítmica. Experimentamos convocações de presença, a possibilidade de respirar juntos em um ambiente de muitas saturações, comandos e novas disciplinas. Criamos encontros, narrativas, escritas, vídeos, performances, diálogos intensos e perguntas inesperadas. Fizemos isso a partir de duas coreografias de pensamento: ciência da retomada e ciência dos dispositivos, movimentos investigativos de atentar tanto para os saberes minoritários, das lutas e conspirações dos viventes



como também para as novas formas do poder que nos conduzem e paralisam.

A Zona de Contágio pode se fazer como um experimento (um protótipo) de uma rede de pesquisa entre as muitas experiências com que estamos implicadas; uma zona de confluência temporária entre as investigações e fazeres. Imaginar, inventar, conectar outros fazeres, modos de produção de conhecimento, ciências e tecnologias, alianças entre espaços educacionais formais e não formais, experimentações de linguagens, transbordamentos e produções contra-disciplinares. O regime de eficácia em jogo, em uma ciência da coexistência, tem a ver com a “convocação daquilo cuja presença transforma as relações que cada protagonista entretém com os seus próprios saberes, esperanças, medos, memórias, e permite ao conjunto fazer emergir o que cada um, separadamente, não teria sido capaz de produzir” (Stengers, 2018, p.459).

## Bibliografia

BERARDI, Franco Bifo. **Fenomenologia del Fin**: sensibilidad y mutación conectiva. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

BELLACASA, Maria. Nothing comes without its world: thinking with care. *The Sociological Review*, Oxford, v. 60, n. 2, 2012

BISPO DOS SANTOS, Antonio. Somos da Terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas. Notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003

COMITE INVISÍVEL. **O Apelo**. Ponta Grossa: Ed. Monstro dos Mares, 2020.

CONSELHO NOTURNO. **Um habitar mais forte que a metrópole**. São Paulo: GLAC edições, 2019

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.4. (Trad.: Suely Rolnik) São Paulo: Ed.34, 1997

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019



GRAEBER, David; Grubačić, Andrej. **Apoio mútuo**. blog da GLAC edições, 2020.

GUTIÉRREZ, Raquel; Trujillo, Mina; Linsalata, Mina. “Repensar lo político, pensar lo común: claves para la discusión”. In: Inclán, Daniel; Linsalata, Mina; Millán, Marga (Coords.). *Modernidades alternativas*. Ciudad de México: unam, 2016

GUZZO, Marina. Experimentos práticos para presença e alegria em reuniões virtuais com verdades fictícias. **Zona de Contágio** (website), 2020. <https://www.tramadora.net/2020/06/03/experimentos-praticos-para-presenca-e-alegria-em-reunioes-virtuais-com-verdades-ficticias/> Acesso em: 28 fev. 2020.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema: Generar parentesco en el chthuluceno**. Traducción de Helen Torres. Bilbao: Consonni, 2019

\_\_\_\_\_. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. **Cadernos pagu**, Campinas, n.5, pp. 7-42, 1995.

INGOLD, Tim. Tres en uno: cómo disolver las distinciones entre mente, cuerpo y cultura. In: SÁNCHEZ-CRIADO, Tomás (org.). **Tecnogénesis. La construcción técnica de las ecologías humanas** (vol. 2). Madrid: AIBR, 2008, p. 1-33.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 21-36, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832015000200021&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000200021&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 22 ago. 2019

KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 28 fev. 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Rev. Estud. Fem.*, Santa Catarina, v. 22, n. 3, set/dez, pp. 935-352, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. **Instituto Humanitas Unisinos**. 17 de abril de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe> Acesso em: 28 fev. 2020.

MIROWSKI, Philip. *Never Let a Serious Crisis Go to Waste*. New York: Verso, 2013.

MORAES, Alana & PARRA, Henrique Z.M. Laboratórios do Comum: experimentações políticas de uma ciência implicada. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação** – SESC/SP, n.10, agosto de



2020. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/c23b1355/8dcc/4d12/8fb7/710c54c6d10b.pdf> Acesso em: 28 fev. 2020.

PELBART, Peter. **Da polinização em filosofia**. Territórios de Filosofia, 2015.

REYES, Nil Mata. A Comunidade Pandêmica, **Coletivo Planetes** (website). 2020. Disponível em: <https://coletivoponte.noblogs.org/post/2020/04/10/a-comunidade-pandemica-nil-mata-reyes/> Acesso em: 28 fev. 2020.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. São Paulo: CosacNaif, 2015

\_\_\_\_\_. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002

\_\_\_\_\_. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, pp. 442-464, abr, 2018.

\_\_\_\_\_. Reativar o animismo. caderno de leituras n.62. Chão da Feira, 2017

TIQQUN. *Contribuições para a Guerra em Curso*. São Paulo: N-1, 2019

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.

TSING, Anna. **The mushroom at the end of the world**: On the possibility of life in capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015

WALLACE, Rob. **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Tradução: Allan Rodrigo de Campos Silva. Editora Elefante & Igrá Kniga, São Paulo, 2020.

**ZONA DE CONTAGIO**: corpos sensores e ciência do risco (website), 2020, <https://www.tramadora.net/zonadecontagio/> Acesso em: 28 fev. 2020.

*Recebido em: 20/03/2021*

*Aceito em: 15/04/2021*





[1] *Alana Moraes é antropóloga e doutora pela UFRJ. E-mail: alana.ufrj@gmail.com. Pesquisadora do Pimentalab, da Rede Lavits e do coletivo Tramadora.*

[2] *Henrique Z. M. Parra é professor associado do Departamento de Ciências Sociais da Unifesp. E-mail: henrique@pimentalab.net. O projeto “Zona de Contágio” [<https://www.tramadora.net/zonadecontagio>] contou com a preciosa colaboração das pesquisadoras Bru Pereira e Jéssica Paifer e com o apoio da Rede Lavits e Fundação Ford. Agradecemos a todos os pesquisadores que se aventuraram nessa empreitada da Zona de Contágio.*

[3] Em um dos seus últimos livros, Mirowski (2013) afirma que o neoliberalismo é, antes de tudo, um “projeto epistêmico”: é um projeto sobre o que as pessoas podem saber e *como* podem saber.

[4] Fala de Gregory Bateson durante o filme *An ecology of Mind* (2011), de Nora Bateson.